



Alexsandro Tartaglia. Enfermeiro. Professor auxiliar na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Servidor público na Secretaria da Saúde da Bahia (Sesab). Salvador (BA), Brasil. E-mail: alextartaglia@yahoo.com.br

O TRABALHO DO ENFERMEIRO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTODESTRUIÇÃO

Em abril de 2014 foi publicado no *Journal of PeriAnesthesia Nursing*, pela enfermeira Maureen V. Iacono, gerente de enfermagem da sala de recuperação pós-anestésica do St. Josep's Hospital, localizado em Nova York, EUA, a coluna intitulada "The toxicity of nursing" [A toxicidade da enfermagem].¹

Com esse título instigante e provocador, a autora revela um lado ruim e vergonhoso de nossa profissão. Indo direto ao assunto, ela inicia sua coluna com as seguintes perguntas:

- Seu trabalho de enfermagem já foi sabotado?
- Você já se sentiu desvalorizado por promover sucesso e prática exemplar em seu trabalho?
- Você já foi prejudicado quando trabalhou em projetos de enfermagem, prática colaborativa ou iniciativas criativas para melhorias no local de trabalho?

É evidente que as relações humanas e profissionais são complexas e geram inúmeros conflitos; na enfermagem isso não é diferente. Levando em conta sua trajetória histórica, a enfermagem brasileira é marcada por uma divisão do trabalho onde a hierarquia, a disciplina e as relações de poder são elementos intrínsecos. Entretanto, o uso do poder pelos supervisores de enfermagem ameaça e constitui uma forma de violência (visível ou oculta) que pode interferir negativamente no ambiente de trabalho e na vida pessoal de um membro da própria equipe (enfermeiro, técnico ou auxiliar de enfermagem). Iacono classifica essa ação reprovável como "toxicidade da supervisão".¹

Infelizmente, e com frequência, esses comportamentos são reproduzidos pelos supervisores de enfermagem. No Brasil, não

estamos livres dessa realidade. Casos de violência que expõem algum membro da equipe de enfermagem a situações constrangedoras e humilhantes são reproduzidos em nosso meio. Diversas formas de humilhação podem ser observadas no ambiente de trabalho do enfermeiro, elas vão desde as mais sutis, como dar atenção momentânea a um membro da equipe, até aquelas com maior teor de agressividade, por exemplo, agir com desprezo ou não esconder expressões faciais que sugerem falta de interesse e consideração, como destaca Iacono.

É lamentável que as relações interpessoais, durante a formação e a própria atuação do enfermeiro, revelem-se, em certos momentos, algo vergonhoso para nossa categoria profissional.

O contato com o tema causa indignação e revolta e mostra-se um desafio discutir essa questão que emerge em nosso cotidiano profissional a partir dos supervisores de enfermagem.

Na enfermagem, tal situação pode apresentar-se do líder para com os outros trabalhadores: humilhando-os em público; humilhando-os, reservadamente, com ameaças; depreciando e denegrindo a sua imagem; distorcendo as informações, criando boatos e rumores maldosos e falsos; procedendo a diversas formas de insultos, como gritos, críticas, depreciação dos métodos de trabalho, banalização; criando ritos de disciplinamento e de poder; cerceando os direitos; restringindo, limitando, censurando e/ou retirando a autonomia; realizando cobranças absurdas; delegando-lhes tarefas inalcançáveis; desrespeitando; fiscalizando e controlando o seu trabalho abusivamente; com ausência de transparência para com o outro; atribuir-lhes tarefas não condizentes com o cargo/função/área profissional.^{2:749}

Não podemos tolerar essas e outras situações destrutivas na enfermagem. Devemos combatê-las, precisamos ser encorajados a falar e abordar o tema e, acima de tudo, reconhecer que ele existe. É importante agir para não perpetuar essa barbárie denominada “toxicidade da enfermagem”.

Considera-se, então, mais um desafio para a enfermagem brasileira identificar, reconhecer e analisar os aspectos que envolvem esse modelo agressivo e destrutivo de supervisão de enfermagem. As instituições de saúde devem incentivar e capacitar os supervisores quanto à revisão de paradigmas da liderança e, dessa forma, resgatar, constantemente, o cuidado com o cuidador, aprimorando o processo de trabalho da equipe.

Vale refletir sobre o tema e propor, em pesquisas e no próprio campo de atuação do enfermeiro, o enfrentamento das diversas situações relacionadas a ele.

O trabalho deve ser gerador de saúde e satisfação profissional; tanto os pacientes como a equipe de saúde, com destaque para a enfermagem, devem beneficiar-se com ele.

A semente deve ser lançada!

NURSE’S CONSIDERATIONS DESTRUCTION	WORK: ABOUT	SOME SELF-
---	------------------------	-----------------------

In April 2014, Maureen V. Iacono, nurse manager at the post-anesthetic care unit of the St. Josep’s Hospital, located in New York, USA, published in the *Journal of PeriAnesthesia Nursing* the column entitled “The toxicity of nursing”.¹

With this exciting and provocative title, the author reveals a bad and shameful aspect of our profession. Going straight to the point, she starts her column with the following questions:

- Has your nursing work ever been sabotaged?
- Have you ever felt undervalued by promoting success and exemplary practice at your workplace?
- Have you ever suffered loss or damage when working in nursing projects, collaborative practice, or creative initiatives for improvement at the workplace?

It is clear that human and professional relations are complex and they generate numerous conflicts; in nursing this is no different. Taking into account its historical background, Brazilian nursing is marked by a working division where hierarchy, discipline, and power relations are intrinsic elements. However, the use of power by nursing supervisors is a threat and a form of violence

(visible or hidden) that can negatively interfere with the work environment and the personal life of a member of the team itself (nurse, nursing technician or assistant). Iacono classifies this reprehensible action as “toxicity of supervision”.¹

Unfortunately, and often, these behaviors are reproduced by nursing supervisors. In Brazil, we are not free from this reality. Cases of violence that expose a member of the nursing team to embarrassing and humiliating situations are reproduced in our context. Various forms of humiliation can be observed in the nurse’s work environment, they range from the more subtle, such as giving momentary attention to a team member, to those with rather aggressive content, for instance, acting with contempt or not hiding facial expressions that suggest lack of interest and consideration, as Iacono highlights.

Unfortunately, interpersonal relations, during education and the very nurse’s practice, show to be, at times, something shameful for our professional category.

Contact with the theme causes indignation and outrage and it shows to be a challenge to discuss this issue that emerges in our daily work from nursing supervisors.

In nursing, such a situation may be present from leader towards the other workers: she/he humiliate them in public; humiliating them, privately, by threats; disparaging and denigrating their image; distorting information, creating rumors, sometimes malicious and false; practicing various forms of insults, such as shouting, criticism, depreciation of working methods, trivialization; creating rites of discipline and power; curtailing the rights; restricting, limiting, censoring and/or removing autonomy; making absurd requirements; delegating them unachievable tasks; disregarding; supervising and controlling their work in an abusive way; lacking transparency towards the other; assigning them tasks not consistent with the position/function/professional category.^{2:749}

We cannot tolerate these and other destructive situations in nursing. We must fight them, we need to be encouraged to speak of and address the issue and, above all, recognize that it exists. It is worth acting in order to not perpetuate this barbarism named “nursing toxicity”.

Then, this is a further challenge for Brazilian nursing to identify, recognize, and analyze the aspects involved in this aggressive and destructive model of nursing supervision. Health institutions should encourage and empower supervisors as for the review of leadership paradigms and, thus, constantly

Tartaglia A.

O trabalho do enfermeiro: algumas considerações...

resume care for the caregiver, improving the teamwork process.

It is worth reflecting on the theme and propose, in scientific studies and in the very nurse's working field, coping with the various situations related to it.

Work must generate health and job satisfaction; both patients and the health team, especially nursing, should benefit from it.

The seed must be sown!

EL TRABAJO DEL ENFERMERO: ALGUNAS CONSIDERACIONES ACERCA DE LA AUTODESTRUCCIÓN

En abril de 2014, Maureen V. Iacono, gerente de enfermería en la unidad de recuperación post anestesia del St. Josep's Hospital, ubicado en Nueva York, EE.UU., publicó en el *Journal of PeriAnesthesia Nursing* la columna titulada "The toxicity of nursing" [La toxicidad de la enfermería].¹

Con este título instigador y provocativo, la autora revela un aspecto malo y vergonzoso de nuestra profesión. Yendo directamente al grano, ella comienza su columna con las siguientes preguntas:

- ¿Alguna vez su trabajo de enfermería ha sido saboteado?
- ¿Te has sentido alguna vez infravalorado por la promoción del éxito y la práctica ejemplar en su trabajo?
- ¿Alguna vez ha sufrido pérdida o daño cuando trabajaba en proyectos de enfermería, práctica colaborativa o iniciativas creativas para la mejora en el lugar de trabajo?

Está claro que las relaciones humanas y profesionales son complejas y generan numerosos conflictos; en enfermería esto no es diferente. Teniendo en cuenta sus antecedentes históricos, la enfermería brasileña se caracteriza por una división de trabajo donde la jerarquía, disciplina y las relaciones de poder son elementos intrínsecos. Sin embargo, el uso del poder por los supervisores de enfermería es una amenaza y una forma de violencia (visible u oculta) que puede interferir negativamente con el ambiente de trabajo y la vida personal de un miembro del propio equipo (enfermero, técnico o asistente de enfermería). Iacono clasifica esta acción reprensible como "toxicidad de la supervisión".¹

Desafortunadamente, y a menudo, estos comportamientos son reproducidos por los supervisores de enfermería. En Brasil, no estamos libres de esta realidad. Casos de

violencia que exponen a un miembro del equipo de enfermería a situaciones embarazosas y humillantes se reproducen en nuestro contexto. Las diversas formas de humillación se pueden observar en el ambiente laboral del enfermero, que van desde la más sutil, como dar atención momentánea a un miembro del equipo, a las que tienen contenido más agresivo, por ejemplo, actuar con desprecio o sin ocultar expresiones faciales que sugieren la falta de interés y consideración, como destaca Iacono.

Lamentablemente, las relaciones interpersonales, durante la educación y la propia práctica del enfermero, se revelan, a veces, algo vergonzoso para nuestra categoría profesional.

El contacto con este tema provoca indignación y revuelta y se muestra un desafío discutir este asunto que surge en nuestro trabajo diario desde los supervisores de enfermería.

En la enfermería, tal situación puede estar presente desde el líder hacia los demás trabajadores: él les humilla en público; humillarlos, en privado, por medio de amenazas; desprecia y denigra su imagen; distorsiona las informaciones, crea rumores, a veces maliciosos y falsos; practica diversas formas de insultos, como gritos, críticas, depreciación de los métodos de trabajo, trivialización; crea ritos de disciplina y poder; limita los derechos; restringe, limita, censura y/o elimina la autonomía; hace exigencias absurdas; delega tareas inalcanzables; irrespetu; supervisa y controla su trabajo de forma abusiva; actúa con falta de transparencia hacia el otro; asigna tareas no acordes con la posición/función/categoría profesional.^{2:749}

No podemos tolerar estas y otras situaciones destructivas en enfermería. Tenemos que luchar contra ellas, tenemos que ser alentados a hablar de y a abordar el tema y, sobre todo, reconocer que este existe. Es importante actuar con el fin de no perpetuar esta barbarie llamada "toxicidad de la enfermería".

Entonces, se considera más un reto para la enfermería brasileña identificar, reconocer y analizar los aspectos involucrados en este modelo agresivo y destructivo de supervisión de enfermería. Las instituciones de salud deben fomentar y capacitar a los supervisores en cuanto a la revisión de paradigmas de liderazgo y, así, constantemente rescatar el cuidado al cuidador, para mejorar el proceso de trabajo del equipo.

Vale la pena reflexionar acerca del tema y proponer, en investigaciones y en el propio campo de trabajo del enfermero, el

Tartaglia A.

O trabalho do enfermeiro: algumas considerações...

afrontamiento a las distintas situaciones relacionadas con ello.

El trabajo debe ser generador de salud y satisfacción profesional; tanto los pacientes y el equipo de salud, especialmente la enfermería, deben beneficiarse con ello.

La semilla debe ser sembrada!

REFERÊNCIAS

1. Iacono MV. The toxicity of nursing. J Perianesth Nurs. 2014 Apr;29(2):152-4.
2. Costa ASS, Hammershimidt KSA, Erdmann AL. Assédio moral nas relações de trabalho na enfermagem: olhares possíveis a partir da complexidade. Cogitare Enferm [serial on the internet]. 2010 Oct-Dec [cited Nov 29 2014];15(4):749-52. Available from: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/viewFile/20380/13550>.

Correspondência

Alexsandro Tartaglia
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública
Av. Dom João VI, 295
Bairro Brotas
CEP 40285-000 – Salvador (BA), Brasil